



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

Em colaboração com o PLAY - Festival Internacional de Cinema Infantil e Juvenil de Lisboa

COLECIONADORES DE RARIDADES: CINE PERFORMANCE
com a atriz LEONOR CABRAL

Cine-performance que nos traz mais uma raridade da história do cinema português,
esta conservada nos Arquivos da RTP:

ASSOA O NARIZ E... PORTA-TE BEM! / 1981

Um filme de Monique Rutler

Realização e argumento: Monique Rutler / **Direção de fotografia:** Pedro Massano d'Amorim / **Assistência de imagem:** José Lã Correia / **Som:** Carlos Alberto Lopes / **Música original:** Luís Cília / **Cenografia:** Fernando Filipe / **Montagem:** Monique Rutler / **“Sketches interpretados por”:** Raquel Maria, Maria Vieira / **Agradecimentos:** Dr. Júlio Martins (colaboração amigável), Marina Bairrão Ruivo (colaboração amigável), Teatro da Cornucópia, Prevenção Rodoviária Portuguesa, Instituto de Beleza Annick Sanimar.

Produção: Paisà para a RTP / **Cópia:** RTP Arquivos, digital (a partir do suporte original em 16mm), cor, falada em português / **Duração:** 25 minutos.



(...) Talvez o mais acabado filme de Monique Rutler «com crianças» seja ASSOA O NARIZ... E PORTA-TE BEM!, realizado no âmbito de uma iniciativa europeia onde os vários canais públicos dos diferentes países desafiaram cineastas locais a realizarem um pequeno filme sobre a infância e a liberdade. Monique Rutler respondeu com um filme que prossegue o hibridismo da sua primeira longa-metragem, VELHOS SÃO OS TRAJOS, onde a farsa (interpretada por Raquel Maria

e Maria Vieira – esta última no seu primeiro papel como atriz) se combina com a reportagem de rua. O filme começa com duas interrogações «O que é uma criança bem-educada? E uma criança malcriada?» – interrogações que ecoam ao longo do filme. A partir daqui o filme constitui-se como uma reflexão satírica sobre as regras comportamentais que definem a conduta em sociedade, oscilando entre o inquérito de rua (onde pais e filhos respondem a uma série de perguntas sobre a educação) e um conjunto de *sketches* onde se parodiam as figuras de autoridade (a mãe, a avó, o homem macho) e se contrariam todas as regras vigentes que definem a «má-criadice».

O que daqui resulta é um filme que questionando a flutuação dos preceitos da educação, os torpedeia. Mais do que perceber que a maioria das pessoas responde à questão da «boa-educação» com respostas tautológicas sobre o bom comportamento, o que Monique Rutler propõe é deliciosamente subversivo: para ilustrar o que «não se deve fazer», Raquel Maria e Maria Vieira transigem todas as regras dos bons costumes, enquanto advogam a sua absoluta necessidade.

A narração conclui ASSOA O NARIZ com um magnânimo «Ninguém está completamente de acordo sobre o assunto, mas quer parecer que a boa educação é o saber viver em sociedade e na sociedade: uma escolha de palavras, de atitudes e de gestos que permitem não hostilizar, não incomodar e não chocar os outros.» Pois bem, se essas são as regras do bem viver, não são de maneira nenhuma as regras do bom cinema. Monique Rutler sabe-o e aplica-o. A sua obra é um conjunto, sucessivo, de hostilizações, de incómodos e de choques. (...)

Ricardo Vieira Lisboa (texto retirado da folha da sessão de curtas de Monique Rutler de 20 de setembro de 2024, integrada no ciclo MONIQUE RUTLER - “ISTO VAI MUDAR!”)